

SUBSIDIADO PELO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (FRANÇA) E PELO GOVERNO CIVIL DO PORTO



índice

- | | |
|--|---|
| <p>1 A «Arqueologia» em 1982
por Vítor O. Jorge, da Faculdade de Letras do Porto e do GEAP</p> <p>3 Instalação dum laboratório de radiocarbono...
por J. M. Peixoto Cabral, do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (Sacavém)</p> <p>5 A gruta chamada Lapa do Suão...
por Jean Roche, do CNRS (França) e da Missão Arqueológica Francesa em Portugal (Pré-história)</p> <p>19 O Paleolítico Superior da região de Les Eyzies...
por João Pedro Ribeiro, do GEAP</p> <p>27 A indústria lítica da gruta do Ourão...
por João P. Ribeiro</p> <p>31 O monumento megalítico de Gavrinis...
por Maria Jesus Sanches, do GEAP</p> <p>35 Estágio num campo arqueológico em França...
por Fernando Augusto Silva, do GEAP</p> <p>40 A propósito de um vaso tronco-cónico...
por Ana Bettencourt, do GEAP</p> <p>44 Identificação de um povoado fortificado...
por Carlos T. da Silva, Joaquina Soares e Fernando Gomes, do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal</p> <p>52 O Castro da Fórnea...
por João Ludgero Gonçalves (Lisboa)</p> <p>56 Vasos da estação arqueológica do Cervilho...
por Maria Jesus Sanches</p> <p>62 Esconderijo de Sequeade...
por Teresa Soeiro, da Faculdade de Letras do Porto</p> | <p>67 A estátua-menir feminina...
por António Martinho Baptista, do Parque Nacional da Peneda-Gerês</p> <p>69 Nova e importante ara a Júpiter...
por Carlos Alberto F. de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto</p> <p>71 Achados de origem vegetal...
por A. R. Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional (Oeiras)</p> <p>76 Estações e monumentos:
O mosteiro do Banho...
por Mário J. Barroca, Francisco A. Lopes † e A. J. Cardoso Morais, do GEAP</p> <p>80 Correspondência:
Carta de Armando Coelho F. da Silva, da Faculdade de Letras do Porto e texto-resposta de Carlos Alberto F. de Almeida</p> <p>84 Museus</p> <p>87 Instituições</p> <p>88 Publicações recentes</p> <p>90 Notícias</p> <p>Extra-texto: fichas de introdução à Arqueologia:</p> <p>Glaciações, por V. O. Jorge</p> <p>Solutrense, por J. P. Ribeiro</p> <p>Véza (Grupo de), por F. A. P. da Silva</p> <p>Miliário, por V. G. Mantas</p> |
|--|---|

arqueologia

publicação semestral
editada pelo
GRUPO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO PORTO (GEAP)
Secretaria de Estado da Cultura
— Delegação Regional do Norte
Rua António Cardoso, 175
4100 PORTO — Portugal

director
VÍTOR OLIVEIRA JORGE

conselho científico:
Jean Roche (Paleo-Mesolítico)
Eduardo da Cunha Serrão (Arq. pré-histórica)
Jorge de Alarcão (Arqueologia clássica)
Carlos Alberto F. de Almeida (Arq. medieval)

comissão redactorial:
Fernando Augusto Silva
Isabel Maria Figueiral
João Pedro Ribeiro
Margarida Moreira
Maria Antónia Silva
Maria da Luz Oliveira
Maria de Jesus Sanches
Mário Jorge Barroca

correspondentes:
António Martinho Baptista (Braga)
Ana M. Bettencourt (Coimbra)

distribuidor em Espanha:
Galiza — Librouro
R. Eduardo Iglésias, 12
VIGO - Espanha

distribuidor no Sul de Portugal:
Vasco Jorge da Cunha Serrão
R. da Academia Recreativa de Santo Amaro, 10 - Cave
1300 Lisboa - Telef. 638962

composição e impressão:
Organização Gráfica Maia Lopes, Lda.
R. de S. Brás, 337 — 4000 Porto
Telef. 492192

preço avulso: 300\$00
assinatura anual (dois números): 435\$00
tiragem: 1500 exemplares

Solicita-se permuta
On prie l'échange
Echange wanted
Tauschverkehr erwünscht
Sollicitiamo intercambio

CAPA: Achados de Sequeade (Barcelos)
(foto M. T. Soeiro)

CONTRA-CAPA: Investigações arqueológicas subaquáticas na Boca do Rio (Algarve)
(foto F. S. Alves)

A «ARQUEOLOGIA» EM 1982

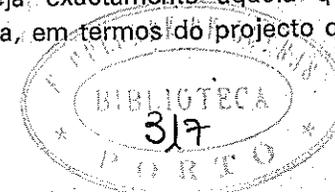
por Vítor Oliveira Jorge

Prosseguindo um caminho cheio de dificuldades — na verdade, praticamente resu-míveis: ao aspecto financeiro — aqui está o n.º 5 de «Arqueologia», que aposta, como sempre, numa convivência de novos auto-res com outros já consagrados, procurando continuar a abrir um espaço cultural onde a qualidade se articule com a acessibilidade, tanto em relação aos colaboradores como ao público a que se destina. Esse propósito implica, desde logo, um esforço tenaz: os investigadores desejam normalmente ver publicados os resultados das suas pesqui-sas, tanto quanto possível de maneira «de-finitiva», e não há em Portugal autênticos divulgadores científicos, «especialistas da generalidade», capazes de produzir bons textos de divulgação, voluntariamente des-pidos de todo um estilo e nomenclatura que, se nuns casos são imprescindíveis, noutros são também um refúgio, canto-ando o autor num «ghetto» sem qualquer incidência na cultura do seu tempo. É nessa cultura que queremos intervir positivamente, sem alardes, mas mostrando, pelos pró-prios resultados do nosso trabalho, que a Arqueologia não é um domínio obscuro, marginal, ou simples «ciência auxiliar», mas uma forma de perspectivar o presente, através dos traços que nele subsistem da actividade humana que nos antecedeu, for-ma actuante de revivificar um espólio cul-tural importantíssimo, pretexto para formu-lar os principais problemas da sociedade e do homem.

Mas não é no domínio da colaboração que temos os reais problemas: embora nem sempre seja exactamente aquela que nos interessaria, em termos do projecto que nos

902(05)

ARQ



RASPADOR

Raspador lateral convexo sobre lasca curta e ligeiramente espessa. (dimensões: 31 x 43 x 9 mm).

LAMELA

Fragmento distal de uma lamela de tipo *Dufour*, com retoques contínuos semi-abruptos e alternos. O bordo esquerdo apresenta-se encurvado.

MATERIAL BRUTO

Seis lâminas de secção triangular, possivelmente provenientes da regularização de arestas do núcleo.

Dois fragmentos de lâminas: uma extremidade proximal e outra distal.

Duas extremidades proximais de lamelas. Os bordos apresentam pequenos retoques de utilização.

Quarenta e nove lascas, vinte e duas das quais de pequenas dimensões (com menos de cerca de 2,5 cm). Cinco são em quartzito e duas são em quartzo. Nove apresentam vestígios do córtex.

LAMELAS DE «GOLPES DE BURIL»

Lamela de secção triangular, resultante de um primeiro «golpe de buril», com o bordo parcialmente retocado.

Três lamelas provenientes de um segundo «golpe de buril», possivelmente resultantes da reavivagem do bisel inicial. Os negativos de buris anteriores encontram-se bem marcados nas suas faces superiores.

Extremidade proximal de uma lâmina resultante de um «golpe de buril» que, em vez de terminar no bordo em que foi dado, cortou o suporte da peça ao meio, terminando apenas no bordo contrário (7).

NÚCLEO

Fragmentos de seixo de quartzito com diversos levantamentos irregulares. Como planos de

percurso foram utilizados quer negativos de levantamentos anteriores, quer algumas zonas do próprio talão do seixo.

DIVERSOS

Vinte e um detritos possivelmente resultantes na sua maioria de acidentes de talhe. Alguns deles apresentam claros sinais de terem sido submetidos à acção do fogo, nomeadamente pela presença de pequenos levantamentos de origem térmica.

3. Conclusões

A identificação entre o material recolhido na gruta do Ourão de diversos tipos característicos das indústrias líticas do Paleolítico superior europeu, bem como a clara existência de dois utensílios solutrenses, permite constatar, pelo menos, a presença inequívoca de uma indústria solutrense na referida gruta. O solutrense é aliás a fácies cultural do Paleolítico superior cuja existência se encontra melhor definida em Portugal, dada a particular facilidade que existe em o identificar no seio de amostragens pobres ou remexidas (8).

Por outro lado, apesar de o material ter sido encontrado à superfície, o facto de grande parte dele possuir ainda resquícios de uma ganga extremamente concrecionada, para além de tornar possível a sua proveniência de um mesmo nível de ocupação, permite também entrever a hipotética existência de camadas arqueológicas ainda não destruídas pela acção erosiva das águas de infiltração.

Esperemos que os futuros trabalhos a realizar na gruta possam fornecer dados significativamente esclarecedores para alguns destes problemas (9).

Notas

- (1) V. Carta militar de Portugal na escala de 1/25000, folha 262 (Redinha, Pombal).
- (2) V. G. Manuppella, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Notícia explicativa da folha 23-A (Pombal)», Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1978 p. 27 e 36.
- (3) V. Op. cit. p. 56.
- (4) Cumpro-me agradecer o apoio recebido de J. Roche para o estudo tipológico deste material, o que me permitiu beneficiar da sua inestimável experiência neste domínio da nossa arqueologia pré-histórica.

- (5) Para a classificação do material solutrense servimo-nos da tipologia elaborada por Philip Smith para o Solutrense francês, não obstante os perigos e limitações inerentes a uma tal transposição (Philip Smith, «Le Solutréen en France», Publications de l'Institut de Préhistoire de l'Université de Bordeaux, Mémoire n.º 5, 1966, 449 p.). No entanto, como refere Jean Roche a propósito do estudo dos utensílios solutrenses provenientes da estação do Monte da Fainha, «...ce classement n'est pas parfaitement adapté à cette industrie, mais il conviendrait, avant de le modifier, de disposer de séries beaucoup plus abondantes et surtout plus variées» (Op. cit. nota 6, p. 50).
- (6) V. Jean Roche, «L'industrie du gisement solutréen de Monte da Fainha (Evoramonte,

Alentejo, Portugal)», in «Bulletin de la Société préhistorique française», t. 69, 1972.

- (7) J. Tixier designa este tipo de «chute de burin» como uma «chute outrepasées» (V. Michel Brézillon, «La dénomination des objets de pierre taillée», IV^o supplément à «Gallia-Préhistoire», Ed. du C. N. R. S., Paris, 1971, p. 127).
- (8) Jean Roche, «Etat actuel de nos connaissances sur le Solutréen portugais», in «Zephyrus», t. XXV, 1974, pp. 81-94.
- (9) No início de 1982 foi enviado ao Instituto Português do Património Cultural um pedido de autorização de escavações, subscrito por Jean Roche e por J. P. Cunha Ribeiro, com vista à realização de uma campanha de escavações na Gruta do Ourão ainda no presente ano.

O MONUMENTO MEGALÍTICO DE GAVRINIS

BRETANHA - FRANÇA

DESCRIÇÃO

O cairn de Gavrinis, que encerra em si uma das obras-primas da arte megalítica europeia, situa-se na extremidade sul da ilha do mesmo nome, em pleno golfo do Morbihan, entre Larmor-Baden e a extremidade da península de Ruys.

A região do Morbihan constitui um dos mais representativos núcleos de arquitectura megalítica, área da qual hoje dificilmente poderemos ter uma ideia de conjunto pois a subida do mar na transgressão flandriana transformou parte da região num golfo de margens extremamente recortadas (originando pequenas e alongadas penínsulas) e povoado de inúmeras ilhotas.

O cairn de Gavrinis domina assim uma paisagem megalítica parcialmente truncada. Mesmo defronte do monumento encontram-se



FIG. 1 — No mapa acima a zona tracejada indica a Bretanha e o asterisco a localização do monumento de Gavrinis.

os dois cromlechs de Er Lannik situados numa pequena ilha do mesmo nome mas hoje na sua quase totalidade cobertos pelas águas do golfo. Do cairn de Gavrinis avista-se ainda para S o grande cairn do Petit Mont e para SE o *tumulus* gigante de Tumiac.

O cairn em estudo encerra em si um dólmen de corredor longo, o corredor mais comprido dos dólmenes bretões (cerca de 14 m), e câmara megalítica aproximadamente quadrada (2,50 x 2,70 m) (Fig. 2).

É um dólmen quase simétrico, pois o eixo do corredor atinge a câmara muito próximo do seu centro, particularidade que permite, a quem se coloque no centro desta, avistar a entrada e observar todos os esteios laterais gravados. As suas paredes são quase paralelas e a altura do corredor é praticamente constante.

O solo do corredor é pavimentado por onze grandes lajes colocadas a cerca de 1 m do solo rochoso. A 5.ª laje forma uma primeira «soleira» correspondendo a 2.ª, nitidamente saliente em relação às outras, à 11.ª laje, justamente na entrada da câmara. Também o piso da câmara é coberto por uma única laje regular e à volta da qual se dispõem os esteios daquela. (Fig. 2).

Dos 29 esteios do monumento 23 são total e profusamente decorados, alguns mesmo nas suas faces laterais, como o n.º 19 (Fig. 2). Decorada é ainda a última laje do corredor que forma uma espécie de soleira da câmara. Bem recentemente foram descobertas gravuras na parte lateral da 2.ª laje de cobertura do corredor assim como no verso dos esteios 19 e 15 (Fig. 2).

Este dólmen apresenta como que uma síntese, uma recapitulação dos motivos da arte dos primeiros dólmenes ocidentais. Surgem os «báculos», os «machados polidos», os «sinais em U», os serpentiformes, os «ídolos escuti-formes», etc., símbolos que do ponto de vista técnico tanto podem ser somente delimitados por um simples traço inciso como totalmente em relevo ou em falso relevo. Apresentam-se como verdadeiras composições dum extremo barroquismo onde os símbolos se imbricam combinando-se e cobrindo a totalidade da superfície das lajes como que num horror ao vazio mas de cuja organização se

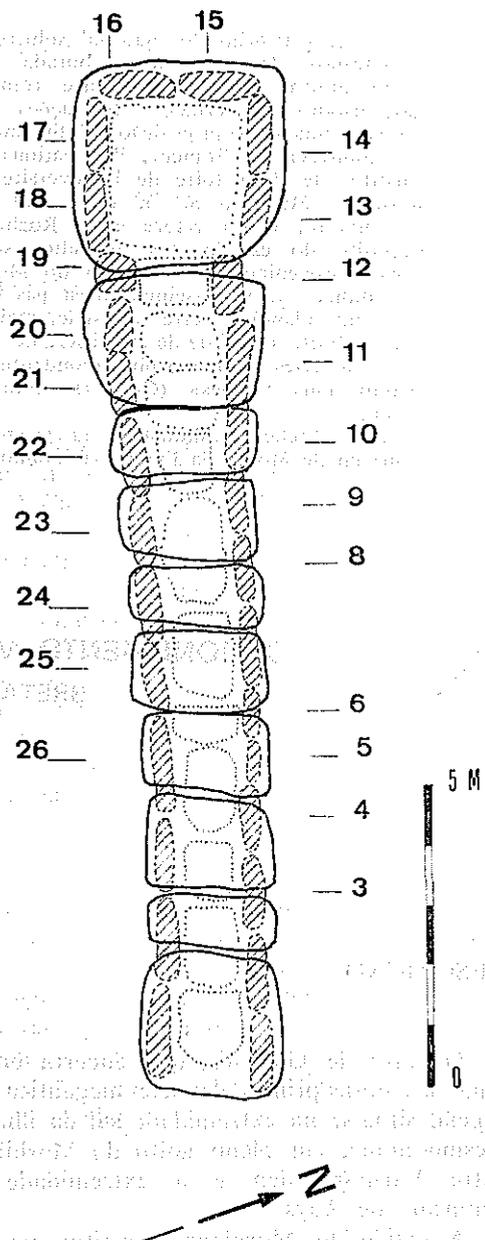


FIG. 2 — Planta do dólmen de Gavrinis (Seg. Le Rouzic).

desconhecem as «regras». Espera-se que o destrinçar das mesmas venha lançar luz sobre o verdadeiro significado simbólico-religioso deste incomparável monumento.

Algumas considerações sobre o monumento de Gavrinis

Pela sua concepção arquitectónica (cairn de planta quase quadrada com um dólmen

central de câmara e corredor simples), é, por analogia com outros monumentos datados, situado no início do IV mil.

Pelas suas particularidades quanto ao planta do dólmen (corredor longo e câmara praticamente quadrada, ambos de construção inteiramente megalítica), integra-se seg. L'Helgouach na 1.ª etapa da evolução dos dólmenes de corredor. Esta caracteriza-se pelo aparecimento de câmaras de planta quadrangular e das técnicas de construção megalíticas que lentamente substituem as plantas circulares e a construção em pequenas lajes com cobertura em falsa cúpula imediatamente anteriores. Esta evolução pauta-se pelo aparecimento de novas soluções arquitectónicas regionais, das quais a dos dólmenes de planta quadrada, bastante frequentes na Armórica, é um dos exemplos.

Nota-se um cuidado muito especial em pavimentar, com grandes lajes sub-rectangulares, o piso do dólmen de Gavrinis. Seg. L'Helgouach tratar-se-ia dum tipo de pavimento de dólmenes de corredor de construção puramente megalítica e integrar-se-ia no fenómeno megalítico no sentido estrito do termo. Neste caso, como aliás noutros, a estrutura do piso da câmara (e no caso de Gavrinis também do corredor) seguiria a dos outros elementos: paredes laterais e cobertura.

Os dólmenes de corredor muito comprido na Armórica têm uma distribuição puramente litoral como o caso de Gavrinis.

Embora pouco numerosos, se comparados com o conjunto total dos dólmenes de corredor, estes grandes dólmenes situam-se sempre no centro de grandes conjuntos megalíticos. A posição do monumento de Gavrinis bem como doutros no golfo do Morbihan (Île Longue, Mané-Lud, Mané-Rutual) ou fora dele (Barnenez) é particularmente importante pois representa o ponto de radiação de múltiplos dólmenes que circundam o golfo.

Edificações gigantes deste tipo destacam-se perfeitamente no horizonte e são perceptíveis mesmo a grande distância. Localizam-se sempre em pequenas zonas altas aplanadas ou de fraco declive e ocupam, na maioria dos casos, o início do declive (geralmente SE), dominando zonas mais ou menos extensas e

sendo esse domínio visual exercido predominantemente na direcção do eixo do corredor.

Com base nestas observações L'Helgouach afirma que estes monumentos materializavam o território de grupos cujos elementos habitariam num perímetro de visibilidade do cairn, preferencialmente em zonas baixas mas férteis e com abundância de água doce. A arquitectura exterior, cuja imponência se relacionaria com a importância relativa do grupo populacional detentor, desempenharia o papel de sinalizador do território do grupo.

Tem sido posta a hipótese destes grandes cairns (Gavrinis, Mané-Rutual, Barnenez por ex.) serem algo mais do que túmulos colectivos. No monumento em causa, com mais razões que os anteriores, a sua planta desarmónica (exagerado comprimento do corredor e redução relativa da câmara), não se coadunaria com a função meramente sepulcral, mas antes de mais com a de um santuário funerário, de um local de culto que pela exuberância da sua ornamentação parietal bem pode ser considerado um verdadeiro templo da religião megalítica.

Objectivos dos trabalhos de escavação e restauro em curso no cairn de Gavrinis

A signatária teve a oportunidade, mercê dum bolsa de estágio concedida pelos Serviços Culturais da Embaixada da França em Portugal, de participar numa campanha de escavação do referido cairn no mês de Setembro de 1981.

Os trabalhos estão a cargo da Circonscription des Antiquités Préhistoriques de Bretagne sob a responsabilidade do seu director, o Dr. C-T Le Roux, e tendo como colaboradores vários especialistas de matérias complementares ao estudo arqueológico.

Resumirei aqui os objectivos da escavação de salvamento iniciada em 1979 e que deverá prolongar-se, na opinião de Dr. C-T Le Roux, pelo menos até 1986-87.

Até bem recentemente o monumento apresentava-se sob a forma de um enorme *tumulus* cónico com uma cratera central, a qual constituía a única via de entrada no dólmen, visto a entrada se encontrar obstruída pelos derrubes. O dólmen somente era conhecido interior-

mente e a sua planta havia sido já feita por Le Rouzic em 1935 (Fig. 2), mas desconhecia-se se o cairn encerrava outros dólmenes de corredor ou mesmo câmaras dolménicas fechadas.

As suas reais dimensões e a sua estrutura interna ou externa, mercê dos sucessivos derrubes, continuavam uma incógnita e foi sobre a resposta a estas questões que numa 1.ª fase se debruçaram os trabalhos.

Depois de se ter protegido interiormente o dólmen pela colocação de uma caixa em cimento armado assente no solo de base e englobando a câmara e parte do corredor, a fim de evitar que o megálito viesse a ser afectado pelos seguintes trabalhos no cairn, deu-se início às primeiras decapagens no exterior.

Na parte N e S da entrada e do topo à base do *tumulus* foi aberta uma larga área de escavação de cerca de 400 m² que pôs a nu, sob uma fina camada humosa, as linhas arquitectónicas básicas da fachada, da «cornija» e do ponto de contacto dos muros internos que tendo origem na «cornija» se dirigem para a parte anterior mas ainda não escavada do cairn. Seguidamente procuraram-se os alicerces da parte anterior nos ângulos N e S da fachada, mas onde as perturbações impediram a sua nítida definição.



FIG. 3 — Aspecto geral do cairn de Gavrinis no estado actual dos trabalhos de escavação e restauro. Note-se a escavação na área defronte da «fachada».

De imediato se iniciaram os trabalhos de restauro levados a cabo por uma empresa de construção sob a orientação dum arquitecto dos Monumentos Históricos e de colaboração com o responsável da escavação.

A reconstrução dos muros foi referenciada aos alicerces, e à altura e orientação dos casos ainda conservados. Pequenas placas de xisto medidas nos interstícios das pedras mostram hoje o ponto de demarcação entre a parte ainda intacta e a restaurada. As pequenas pedras foram consolidadas com cimento não visível à superfície.

O cairn apresenta-se agora como um monumento cuja fachada tem cerca de 8 m de largura e de altura máxima 3,5 m. É aproximadamente rectilínea, tem os ângulos laterais arredondados, as paredes um pouco inclinadas para o interior e unicamente retraída na entrada em cerca de 1,30 m. (Fig. 3).

Com uma retracção de cerca de 2 m em relação à fachada corre a «cornija» cujas paredes assentam na base da construção. Na sua parte posta a nu acompanha a linha da fachada e por isso é de traçado também quase rectilíneo e inclina-se levemente para o interior do monumento.

Não se conhece com nitidez a orientação das linhas dos «muros» que partem da «cornija» para o interior.

Embora incompleto na sua globalidade este cairn apresenta já na sua parte anterior a forma geral de duas massas de pedra de ângulos arredondados dispostas em andares sobrepostos sendo o superior retraído em relação ao inferior.

No que respeita à hipótese de outros dólmenes insertos no cairn parece que a orientação dos «muros» internos põe de parte essa eventualidade pelo menos desde a fachada até à câmara megalítica conhecida.

Numa 2.ª fase os trabalhos de escavação centraram-se num área de cerca de 200 m² na zona imediata da fachada do cairn. (Fig. 3).

Este estudo visava reconstituir a história e a vida do monumento, perceber a sequência da construção e ao mesmo tempo reconstituir a antiga paisagem vegetal pelo estudo do paleossolo de base.

Trata-se dum via de investigação actualmente, e sempre que é possível, seguida no estudo da Pré-história bretã. Este tem permitido, embora com algumas lacunas, a reconstituição do meio ambiente pré-histórico. Por exemplo, o estudo do paleossolo do *tumulus* de Dissignac (Saint-Nazaire, Loire Atlantique), veio confirmar a existência dum economia de produção desde o início do V milénio. Na

periferia imediata da estrutura megalítica o solo fora empredrado, aplanado e consolidado para «assentar» o monumento. Desta forma conservou-se uma camada «selada» (o paleossolo) entre a superfície rochosa de base e a de utilização primitiva.

O estudo dos pólenes deste solo antigo mostrou que a paisagem era muito aberta e que poucas árvores cresciam nas proximidades. No entanto a abundância de tanchagens e tubuliformes traduziria uma actividade humana intensa com desbravamentos e domesticação. Foram aí ainda detectados pólenes de cereais.

Esta ocupação anterior à construção do monumento ou contemporânea deste possuía uma indústria lítica arcaica («tipo» mesolítico) e formas cerâmicas pouco complexas, as quais, até ao momento, são as mais antigas conhecidas na Armórica.

Também o estudo palinológico do paleossolo do grande cairn megalítico da ilha Carn em Ploudalmezeau (Finisterra) revelou uma vegetação que precedeu de perto a construção do monumento. Trata-se dum vegetação atlântica na qual a presença da *Plantago lanceolata* aponta para uma actividade humana operante sobre o meio.

Em Gavrinis a 0,5 m de profundidade na zona de tangência com o cairn e a cerca de 1,5 m na sua zona mais baixa (pois o terreno de base é extremamente inclinado no sentido do exterior e os derrubes acompanham esse declive), apareceu um solo antigo pouco espesso (esp. máx. de 10 cm).

Esse solo revelou uma lareira muito frustemente rodeada de pedras, situada quase na direcção do eixo do corredor do dólmen e circundada por algumas lascas de sílex tosca-mente retocadas.

Para N da entrada e numa distância de 1 a 3 m do cairn apareceram cinco troncos de árvore carbonizados «in situ».

Carvões, terra e cinzas da lareira assim como os troncos foram revestidos dum composto de gesso a fim de serem transportados para o laboratório onde serão analisados.

Era frequente o aparecimento de núcleos de quartzo com negativos de talhe rodeados das correspondentes lascas, algumas destas levemente retocadas. Carvões espalhavam-se mais ou menos indiferentemente por toda a super-

fície escavada. Tudo isto, depois de devidamente referenciado, foi recolhido para ser estudado.

Foram ainda recolhidas amostras de terra de várias zonas de escavação a fim de serem submetidas ao estudo palinológico e eventualmente a outros.

No seu conjunto foi uma magra recolha em termos de material arqueológico mas espera-se que se revele importante no estudo palinológico e nas datações de C14.

O fraco material arqueológico recolhido no derrube revela as várias ocupações ou violações do monumento que de uma forma caótica se prolongam do neolítico aos nossos dias. Aí apareceram indiferentemente fragmentos de ânforas e de cerâmica comum romana e de telhas de rebordo, cerâmica medieval e mesmo moderna.

De focar o aparecimento, ainda no derrube, de três machados polidos, um cuja matéria é uma rocha metamórfica e os outros dois de materiais mais raros. Machados e cerâmica provêm provavelmente do esvaziamento da câmara numa das primeiras violações.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

— Este trabalho resulta de um estágio por mim realizado na Bretanha em Setembro de 1981. Agradece-se reconhecidamente a todos aqueles que de uma forma ou de outra fizeram com que pudesse ser realizado e do modo mais proveitoso possível: ao Dr. Jean Roche, Maître de Recherche Honoraire du CNRS, ao Dr. Vitor Jorge, aos responsáveis do Serviço Cultural da Embaixada de França em Lisboa; ao Dr. C-T. Le Roux pelo empenho que mostrou em me auxiliar tanto no decurso da escavação como posteriormente na Biblioteca da Circonscription e nas visitas de estudo efectuadas e ao Dr. J. Briard pelas facilidades concedidas no Laboratório de Rennes.

— «Bretagne», Livret-guide de l'Excursion A3, IX Congrès de l'U.I.S.P.P., Nice, 1976.

— Le Roux, C-T., *Rapport Scientifique sur la fouille de sauvetage programmé du cairn de Gavrinis commune de Larmor-Baden (Morbihan)*, Campagnes d'avril et septembre 1980.

— L'Helgouac'h, Jean, *Les Sépultures Mégalithiques en Armorique* (tese de doutoramento), Univ. de Rennes, 1965.

— Idem, *Mégalithes de l'Ouest de la France: Evolution et Chronologie*, «Megalithic Graves and Rituals», Papers presented to the III Atlantic Colloquium, Moesgard, 1969.

— Giot, P. R., L'Helgouac'h, J., e Monnier, J. L., *Préhistoire de la Bretagne*, Rennes, 1979.